

CORREIO NO MUNDO

Reprodução/Facebook/Nobel Prize



Memorial foi alvo de audiência russa a portas fechadas

Rússia classifica de extremista grupo de direitos humanos

Em audiência a portas fechadas de um caso descrito como ultrassecreto, a Suprema Corte da Rússia classificou de extremista nesta quinta-feira (9) o grupo de direitos humanos Memorial, um dos vencedores do Prêmio Nobel da Paz de 2022. A decisão, segundo críticos, amplia o cerco às organizações da sociedade civil e representa mais um capítulo da repressão à liberdade de expressão no país. A medida pode levar à criminalização de apoiadores e colaboradores da entidade. Com a nova designação, autoridades passam a ter base legal para processar qualquer pessoa que contribua com o trabalho do Memorial ou compartilhe seus conteúdos, afirmam advogados a par do processo.

Nobel em meio à guerra da Ucrânia

O Memorial venceu o Nobel da Paz em 2022 junto com Ales Bialiatiski, da Belarus, e do Centro para Liberdades Cívicas da Ucrânia. A escolha foi uma resposta à invasão do país vizinho em fevereiro daquele mesmo ano, e o comitê norueguês do Nobel disse à época que os premiados fizeram um "notável esforço para documentar crimes de guerra, abusos de direitos humanos e de poder". Fundado em 1989, o Memorial é um dos grupos de direitos humanos mais antigos da Rússia.

Daniel Torok/ Casa Branca



Putin teve problemas históricos com a organização

Materiais considerados extremistas

"Nenhum representante do Memorial foi formalmente notificado [do processo]. Nem o público nem os advogados da organização terão acesso ao texto de qualquer decisão ou pedido. Nem sequer sabemos quais são os fundamentos da ação. Tudo é sigiloso e de acesso restrito", disse advogada Natália Sekretarev, que chefia a área jurídica do grupo.

Ainda de acordo com Sekretarev, o logotipo da organização será considerado símbolo extremista, e relatórios sobre direitos humanos poderão ser classificadas também de materiais extremistas.

Organização critica decisão

A decisão desta quinta se dirige ao que foi descrito como "movimento público internacional Memorial". A organização diz que tal estrutura não existe formalmente e que a definição vaga foi adotada para permitir a perseguição de qualquer pessoa que se manifeste sobre direitos humanos ou crimes históricos.

Por Renan Marra (Folhapress)

Ali Yusuf Harshi

Israel disse nesta quinta-feira (9) que matou Ali Yusuf Harshi, sobrinho de Naim Qassem, líder do grupo libanês Hezbollah, apoiado pelo Irã. Harshi era secretário pessoal de Qassem. As Forças de Defesa de Israel (IDF) disseram que Ali Yusuf Harshi morreu após um ataque a Beirute durante a noite.

Bombardeio

O bombardeio ocorreu no bairro de Tallet Khayat, fora do reduto tradicional do grupo na capital libanesa. O ataque causou o desabamento parcial de um prédio de vários andares. Imagens do local mostram os danos à estrutura no bairro residencial de Beirute, que foi o alvo da ofensiva israelense.

Conselheiro

Harshi era conselheiro pessoal e colaborador próximo de Naim Qassem, líder do Hezbollah. "Ele desempenhou um papel central na gestão de seu gabinete e de sua segurança", afirmaram os militares em comunicado. As FDI também bombardearam duas passagens no rio Litani.

Transferência

O Exército de Israel afirma que o Hezbollah usava esses locais para transferir milhares de armas e foguetes durante a noite.

Israel atingiu cerca de dez alvos militares da milícia libanesa na região sul. A ofensiva destruiu depósitos de armas, lançadores de foguetes e centros de comando do grupo apoiado pelo Irã.

Interferência I

Após o vice-presidente dos EUA, J.D. Vance, afirmar que "burocratas de Bruxelas" querem tirar Viktor Orbán do poder na Hungria, foi a vez da Rússia corroborar com a tese de interferência externa na eleição parlamentar do país. Um opositor, Péter Magyar, lidera as pesquisas, abrindo a perspectiva do fim da era Orbán.

Interferência II

Segundo Dmitri Peskov, porta-voz do Kremlin, "muitas forças na Europa, muitas forças em Bruxelas, não gostariam que Orbán voltasse a vencer as eleições". Peskov tinha sido perguntado sobre a proximidade entre o premiê húngaro e o presidente Putin.

Por José Henrique Mariane (Folhapress)



Opositores apontam o cessar-fogo como fracasso estratégico

Opositores de Netanyahu veem trégua como fracasso

Acordo de cessar-fogo com o Irã foi criticado por políticos de Israel

Opositores do primeiro-ministro israelense Binyamin Netanyahu criticaram o governo após o acordo de cessar-fogo com o Irã anunciado pelo presidente dos EUA, Donald Trump. Partidos contrários a Netanyahu no Parlamento consideraram que ele falhou em garantir os objetivos estratégicos declarados de Israel na guerra. Yair Lapid, o líder da oposição, disse que o primeiro-ministro era responsável pelo pior "desastre diplomático" da história do país e que os danos estratégicos causados pelo conflito levariam anos para serem corrigidos.

"O exército fez um trabalho incrível; a melhor força aérea do mundo executou tudo o que lhe foi pedido e muito mais. O povo de Israel demonstrou resiliência e determinação nacional. Desferimos golpes pesados contra o Irã. É precisamente por isso que o fracasso total se destaca ainda mais", afirmou Lapid em um pronunciamento televisionado.

O parlamentar, que é líder do partido centrista Yesh Atid e foi primeiro-ministro em 2022, afirmou que Israel entrou na guerra "com um raro consenso", mas que Netanyahu demonstrou ser incapaz de vencê-la.

"Poderia ter sido conduzido de outra forma: com uma equipe diplomática trabalhando desde o primeiro momento, com um plano diplomático, com parceiros na região, com um Conselho de Segurança Nacional funcionando, com um Ministério das Relações Exteriores funcionando", afirmou Lapid.

Outros políticos da oposição

também questionaram a atuação do primeiro-ministro. Yair Golan, líder do partido de esquerda Democratas, escreveu que Netanyahu mentiu. "Ele prometeu uma 'vitória histórica' e segurança para gerações, e na prática, tivemos um dos fracassos estratégicos mais graves que Israel já conheceu", disse nas redes sociais.

"Sangue foi derramado. Cidadãos corajosos foram mortos. Soldados tombaram. Uma nação inteira em abrigos", mas "nenhum dos objetivos foi alcançado: o programa nuclear não foi destruído; a ameaça balística permanece; o regime continua no poder e sai ainda mais forte desta guerra", escreveu Golan, que é ex-militar do Exército de Israel.

Israel disse na quarta (8) que apoiaria e respeitaria a trégua de duas semanas declarada por Trump, mas em seguida voltou a atacar o Líbano sob o objetivo declarado de manter sua ofensiva contra o grupo extremista Hezbollah.

Trump havia ameaçado que os EUA atacariam infraestruturas civis essenciais e que "toda uma civilização morreria" no Irã se a República Islâmica não abrisse o estreito de Hormuz até a noite de terça. Cerca de 90 minutos antes do prazo, Trump disse que, após conversas com líderes paquistaneses, havia concordado em "suspender o bombardeio e o ataque ao Irã" por duas semanas se o Irã reabrisse imediatamente o estreito. Teerã concordou com a reabertura da passagem marítima, mas desistiu após Israel violar o cessar-fogo ao atacar o Líbano.